

O HERALDO

Proprietario e editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS
Redacção e administração—Praça, 10

(ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS")

Composição e impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
Rua Nova Pequena, 1, 3, 7, 9 e 11—Tavira

Sr. Antonio da Costa Raymundo
Largo da Graça, 8, 2.º e 3.º E. Lisboa
Tavira

N.º 1004

ASSIGNATURA
Para Tavira (semestre)..... 400 réis
Para fóra 500 »
Número avulso..... 20 »
Toda a correspondência deve ser dirigida ao proprietário.

TAVIRA

QUINTA FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1901

ANNUNCIOS

Por cada linha..... 40 réis
Os annuncios do commercio e industria, teem redução convencional.
Annuncios permanentes, por ajuste particular extremamente vantajoso.

19.º ANNO

PAZ

Quem conceber o levantado e nobre ideal do progresso da humanidade e da civilisação, não deixará de registrar nos fastos da historia universal dos principios do corrente seculo, a visita das magestades imperiaes da Russia á nação gloriosa da França.

A chegada da esquadilha russa ao porto de Dunkerque é como que um novo sol a irradiar fulgurante e resplandecente, sol que até parece enviado pela alma do grande Romanow, esse celebre creador da Russia moderna que das suas hordas mal civilisadas fez um povo poderoso e forte e das suas steppes extensissimas um grande e prodigioso imperio. Veem agora os seus descendentes annunciandouma prolongada epocha de paz, accentuando e fortalecendo cada vez mais a alliança entre o centro intellectual do mundo e o imperio colossal do grande Pedro I.

Pelo principio de menor acção, o tão conhecido enunciado da estatica, se considerarmos as nações tão intimamente ligadas pelos seus interesses como um systema material pela sua cohesão; logo que seja alterada uma das condições d'equilibrio d'esse systema, todas as outras hão de ser influenciadas.

Portugal, apesar da sua insignificancia n'essa força cohesiva, se attendermos á sua situação geographica e ao papel altamente predominante das esquadras, faz com que se lance para este canto do occidente, ultimo pedaço de terra de que o sol se despede morto de saudades, no dizer do poeta, olhares manifestamente cubiçozos.

A alliança franco-russa representa uma alta conveniencia que é necessario tratar e considerar sob o ponto de vista universal, influindo poderosamente nos destinos do mundo e alimentando mais uma vez a fagueira esperança d'uma mediação e arbitragem nos conflictos suscitados entre as nações e que as

possam levar a uma das mais terribes formas das manifestações da actividade humana—a guerra com as suas negras cores.

A Russia, segundo dizem os francezes, comprehendeu que tinha procedido mal deixando que a Alemanha aniquilasse a França em 1870 e quando Bismarck em 1875 quiz novamente fazer passar os francezes pelo cylindro da conquista, o czar Alexandre interveio, oppondo o seu veto a esse insaciavel capricho. E' que o czar já previa que a Allemanha, com a sua hegemonia, tentasse fundar algum imperio do occidente, como que seguindo essa irrealisavel idéa de Napoleão que tão funestas consequencias acarretou para a Europa e que tanto fez brilhar o nosso paiz como importante auxiliar no componente das forças que lhe prepararam a grandiosa queda.

Já Pedro I, o Grande, quando entrou em Dunkerque em 1717, concebeu a valiosa alliança franco-russa e foi n'essa occasião que o celebre Romanow, na sua visita a Sorbonne, exprimiu deante do cardeal Richelieu as seguintes eloquentes palavras: «Grande homem, porque não terias tu nascido e vivido no meu tempo? Ter-te-hia dado metade dos meus estados, para aprender contigo a governar a outra metade!»

Passadas mais tarde as tempestades das campanhas napoleonicas, a sympathia pela França ficou sendo tradicional na familia imperial da Russia e a França aclama agora pela segunda vez o imperador Nicolau II que realiso o pensamento do seu ante-passado, sendo credor da maxima consideração dos povos civilisados.

C. S.

Chronica

Pouco a pouco foi o tempo apagando no quadro maravilhoso da natureza uma das suas melhores impressões—o estio. Batidas pelas primeiras bategas d'agua vão já a caminho do pas-

sado as sonhadoras noites de luar; as mouras já não veem ás frescas das muralhas cantar as balladilhas sentimentaes do seu captiveiro eterno e pelo solo avermelhado do jardim publico já não flirtam os moços donairosos da cidade, fazendo de Lovelaces astuciosas e brandindo a sua badine n'uma ancia irresistivel de conquista.

Nunca mais o maestro Encarnação, prosaicamente perflado sobre o soalho glorioso do coreto, traçará com a sua victoriant batuta as aspiraes d'uma genial regencia, e pelas veredas escusas do jardim nunca mais os burguezes obesos do nosso meio dirigirão madrigaes babosos ao madamismo que passa.

Foi o estio toda uma comedia da luz e de risos que ha pouco terminou ao cahir lento do panno... o panno verde dos clubs.

JOÃO CORREIA D'OLIVEIRA

Procurando um mais vasto campo d'ideal e conhecimentos, dedica-se uma grande parte dos nossos escriptores d'hoje á litteratura franceza e d'ella tira moldes para os seus escriptos, impregnando-os d'esse estylo verdadeiramente scientifico que presentemente contamina quasi toda a litteratura da patria de Balsac.

Para compensar, ainda ha meia duzia d'escriptores portuguezes que de coração e alma se dedicam somente ás cousas da nossa terra e que fidalgamente sabem buscar na sua tradição e lenda a inspiração feliz das suas obras—talvez as melhores que ultimamente se teem publicadas em lingua portugueza.

D'entre estes dois irmãos ha, os Correias d'Oliveira, que se destacam pela originalidade e estro intimamente nacional, ora recordando as canções da nau *Catrineta*, ora invocando o padrão das quinas como a alma de todo este abençoado torrão onde semearam lenda as lagrimas da rainha Igeuz.

Um d'elles, o João, começa hoje a collabarar no *Heraldo*, distincção honrosa que sinceramente agradecemos.

O Antonio, o poeta das *Eiradas*, do *Auto* e dos *Allivios de Tristes*, a que já por varias vezes nos hemos referido tambem começa brevemente a honrar-nos com os seus versos.

Ver annuncio da Baga de Sabuguelro na 4.ª pagina.

sombrado, o venturoso Senhor D. Manuel fêcha com fêchos d'altiva cólera o livro do coração; torna-o a ira da própria alma esquecido e, rispido, sombrio, o pagensito tremulo, e receioso, empraza a que, os olhos que de si a tal altura se arrojara a mandar com mensagens d'amor, nunca mais—oh! nunca mais...—tivesse o ouzio d'erguelos, sob pena de n'elles se apagar de vez a luz da vida, se gelar a vida impetuosa d'aquella chama que n'elles tinha para tentar com acenos de caricias a alta e sagrada luz dos astros!

O pequeno cavalleiro que o aço de cem espadas finas não faria tremmer, e a cabeça arrojada ergueria ante a força,—a cabeça curva, ajoelha, treme, e ouve tão dura e

desapiedada sentença do seu Senhor. E condemnado, degradedo na propria vida se andou por muito tempo, chorando consigo maguas do seu coração, a triste sina o Fado mau dos Bernardins...

Cahira-lhe morto, dos astros na terra, o olhar que preso ao dos astros em doce e brando sonho trouxera; e como na luz d'elles abraçada para sempre toda a sua luz ficára, d'apagado até a terra escurecia. Coração triste, olhos mortos sempre virados para o chão como se ali á cata andassem de cova p'ra s'enterrarem.

E d'esta sorte a igual penar, igual castigo, andava a Princeza obrigada; pois que, enquanto o pagem d'olhos cahidos pela terra buscava as suas pegadas como se

REGINA-ANGELORUM

I

O' sempre Virgem, doce Mãe de Deus,
o' sempre Casta, pomba de Bethlem,
vejo-te em sonhos nos delirios meus,
sinto-te nalma como a flor do Bem.

Tu és o pólo que a existencia péde
no mar revolto da revolta vida:
limpida fonte aonde estanco a sede,
sombra odorante que me dás guarda.

Nas tristes heras d'um soffrer obscuro,
na eterna luca contra o mar da sorte,
o' celica visão do supra-mundo,

és tu a estrella branca que eu procuro
nas paragens dulcissimas da morte,
—o meu anhelto salutar, profundo...

II

Louco, perdido na existencia amara,
sem uma esp'rança na minh'alma ardente,
sem uma só visão das que eu sonhara
aoreoladas de luz resplandecente,

quasi sem patria d'onde a dor me afasta,
o' quasi sem familia, sem ninguém,
deixa que est'alma a que um sorriso basta
venha acolher-se ao teu olhar de Mãe...

Nesta desolação que me tortura,
nesta continua e gelida amargura,
onde, triste, me abysmo mais e mais,

o' sempre Virgem, sempre doce e bella,
o' sempre Casta, *matutina stella*,
tu só me alentas e tu só me attraes!

III

Negam-te os homens a bondade, a essencia,
perdida a fé no teu olhar, Senhora:
—que és um producto vão da intelligencia,
da nossa phantasia creadora...

Mas d'onde vem então, d'onde desponta
esta consolação para o meu pranto,
quando entre dores que nem têm já conta,
para o Infinito o meu olhar levanto?

Oh! se és chimera, se és um puro ideal,
o' magica Visão celestial,
o' *tota pulchra*, o' Anjo da harmonia,

se tu não passas d'illusão doirada,
o' *Janna Caeli*, o' doce immaculada,
—Bemdita seja a nossa phantasia.

IV

Minou-me a creença a febre do saber
em longas noites de tormenta insomnia,
e fez-me outra vez crente uma mulher
por seu divino olhar da Babylonia.

Semiramico olhar, biblico olhar,
num rosto lindo, angelamente hebreu,

buscasse diamantes perdidos da corôa do seu Rei, por seu turno em cata dos olhos do pagem, a Princeza trazia sempre descidos seus olhos, como se procurasse alli as estrellas que faltavam no céu...

Elle vagueava a deshoras, no silencio ermo des frias galerias do Paço, no silencio negro dos salões solitarios onde a noite apagava os raios faiscantes; e sonhava a chorar, ser Principe e Senhor. Em quanto ella nos serões ruidosos, entre musicas e risos, oiros, velhudos e christaes sonhava, a sorrir, ser pastora e pobresinha.

Ai tristes dos que se enamoram d'estrellas e tão alto fabricam os os seus sonhos que os não podem alcançar!...

que eu não consigo mesmo comparar
na minha Immensa dor senão ao teu...

Mas esse doce olhar que era o meu sol,
no pélagos da vida o meu pharol,
para sempre na treva se escondel!

Para que a noite não involva intensa
mais uma vez a luz da minha creença,
Virgem Senhora, abre-me sempre o teu!

Agueda. RODRIGUES DAVIM.

A apparecer:

Ribeiro de Carvalho
TERRA DE PORTUGAL
(versos)

Carta de Villa Real
de Traz-Os-Montes
Am.º Santos

Villa Real 15/9/901

Saude e muitas fortunas é o que lhe desejo para si e para os seus. Cá vou dar-lhe signal de mim, tentando descrever-lhe alguma cousa sobre Villa Real e seus arredores.

A impressão que me deixou á primeira vista Villa Real não foi desagradavel, pelo contrario foi até agradavel; porque principalmente os seus arredores afiguram-se-me muito bonitos, o que irei verificando com alguns passeios, que lhe irei tambem descrevendo da melhor forma que puder.

O meu primeiro passeio foi para fóra da povoação, e foi o que toda a gente me indicou como o mais bonito, e que já em Lisboa o ex.º dr. Leote me tinha recommendado que não deixasse de dar. O passeio ao cemiterio.

Homem, agora estou eu a notar uma circumstancia um pouco extraordinaria «fui promovido no dia 13, para o 13 d'infanteria, e o primeiro passeio que dei em Villa Real, foi ao cemiterio!! parece assim uma coincidência agonizante!! mas como felizmente não entrei no cemiterio talvez o agoiro não seja completo.

Vamos ao passeio. O cemiterio fica situado a Sul da povoação n'uma elevação cortada quasi a pique por tres lados — Leste, Sul e Oeste — correndo em baixo a uma profundidade extraordinaria o rio Corgo, que n'aquelle ponto corre na direcção N. S., reunindo-se-lhe no extremo do

II

...Mas um Rei póde mandar a espada: não deve mandar n'um coração... E vae que o pagem um dia corre aos pés do Rei, e, não podendo soffrer mais, altivo lhe diz:

—«Senhor! No alto mar trazeis vidas d'homens em demanda d'um vosso Sonho; caravellas por sabia ordenação Vossa e para gloria de todos nós mandadas, vão a arar as aguas virgens dos mares em demanda da India... — Que seria de Vós, meu Senhor, se essas vidas se perdessem, sem tocar na realisação do Vosso grande Sonho, se no mar negro se afundassem as naus da conquista desejada, sem tocarem nas desejadas terras d'Oriente?...»

FOLHETIM D'O HERALDO

AS DUAS INDIAS

Ao meu pequeno amigo B. d'Aragão—que é já um enamorado da arte.

I

A os ouvidos do Rei chegara um dia que um dos seus pagens, (por signal que o mais donairoso e lindo pagem da sua córte...) ousara erguer olhos d'amor para os altos olhos cor de céu da Princezinha loira. E de tamanha audacia as-

monte o seu affluente Cabril, que o circunda pelo Sul, correndo na direcção L. O. proximoamente.

Ao sair da povoação por uma rua estreita e bastante irregular, e entrando na estrada que conduz ao cemiterio e, segue na direcção N. S., depara-se-nos repentinamente á vista um panorama realmente magnifico, que se admira mas que não se pode, quero dizer, que não posso bem descrever!

E' tal o sentimento de surpresa que se apodera de nós que instinctivamente paramos maravilhados com o que se avista.

Defronta-se-nos a encosta do monte da Peneda (margem esquerda do rio Corgo) abrupta, alcançtilada, penhascosa, cortada, desde a sua maior altura, a despenhar-se em baixo no rio Corgo, por uma queda d'agua, bordada por 16 moinhos, que semelham ninhos d'agua a esconderem-se nas anfractuosidades dos rochedos; moinhos que aproveitam como motor a força da sua corrente. Coisa extraordinaria! Cada moinho tem juncto, um pequeno socalco entre os penedos, pouco mais que a palma da mão, onde parece que nem terra ha, e em que se admira uma força de vegetação extraordinaria.

Quasi no fundo da encosta, num socalco relativamente grande, está uma edificação bastante espaçosa, que é a instalação da luz electrica para a iluminação de Villa Real, e mais em baixo, resaltando sobre o seu leito pedregoso corre então o rio Corgo, ribeira de pouca importancia no verão, mas que avoluma e se torna em torrente impetuosa com as chuvas do inverno.

A margem Oeste do rio é a antiteza completa da sua visinha fronteira; é formada pela encosta do monte onde está o cemiterio, cortada por socalcos dispostos em amphitheatro reintrante, cobertos por uma vegetação luxuriante e opulenta, rematando inferiormente n'uma pequena e fértil campina juncto do rio; e superiormente, dando a todo este conjunto o aspecto mais encantador que se pode imaginar, é, coroada pelo grupamento das casas da povoação, que parece estarem a debruçar-se para espreitar as fugidias aguas do pequeno rio e escutar o seu murmurio monotonico e plangente.

A final pude soltar-me ao encanto d'esta perspectiva e continuei o passeio.

O lado Sul, muito accidentado tambem é comtudo menos abrupto e pedregoso que a margem esquerda do Corgo no lado Leste, e estabelece como que o laço de ligação entre este e o lado Oeste. N'este lado a paisagem mudou completamente. Ha uma como que grande bacia, formada por um valle verdejante, semeado de brancos casares que lhe dão um tom alegre e ridente, e que se vai ondulando e accidentando até perder se na proxima serra do Marão, cujos pincares se recortam em curvas caprichosas no espaço infinito dos ceus.

Observei n'este passeio as paisagens mais pitorescas e encantadoras que tenho visto, succedendo-se sempre variadas, sempre novas, á medida que vamos avançando.

Extraordinariamente lindo! verdadeiramente surpreendente!

Mas para mim ha uma falta insuperavel n'esta paisagem! Falta-lhe, lá ao longe, aquella fita azul

ferrete que remata o horizonte da nossa região e que é como que o traço d'união entre o ceu e a terra; semeado, de dia, de vellas brancas, e onde á noite se espalha a doce e melancolica luz da lua!

Que quer?! eu tenho a nostalgia do mar!!

Circumdei o cemiterio e vim outra vez passar em frente da queda d'agua, e não pude deixar de tornar a parar para admirar mais uma vez aquelle magnifico panorama!

Um socego complexo e absoluto, apenas cortado pelo marulhar da agua a despenhar se do alto do monte fronteiro!

De repente como que saindo dos penhascos do fundo do rio, eleva-se nos ares uma voz bem timbrada e harmoniosa, entoando uma canção popular... da nossa terra!!

Ai, que nem sei explicar o que senti!!

Que encanto indefinivel eu achei n'aquella canção, tão minha conhecida, e que até alli nem sequer tinha despertado a minha attenção!!

Perpassou por mim um não sei quê, que me fez estremecer todas as fibras da minha alma!!

E fiquei, talvez por um quarto d'hora, assim, prezo, como que hypnotisado; extranho a tudo o que me cercava; não tendo ouvidos, senão para aquella voz, que se elevava do fundo do abysmo, e vinha até mim... recordando-me a minha terra!... O lar!... A familia!... tudo o que me é mais caro emfim!!

Só pôde avaliar o que eu senti, quem, em regiões longiquas, e só, encontra alguma cousa que de repente lhe traz á memoria tudo quanto mais estima no mundo!!

Dei por terminado o passeio e voltei para o hotel, talvez mais triste debaixo da impressão d'aquellas recordações, e achando-me mais só n'este meio para mim, completamente desconhecido.

Por hoje amigo Santos fico por aqui, esperando outro passeio que me deixe impressões, não mais gratas; mas menos tristes.

Peço-lhe a fineza de dar lembranças a alguns dos amigos que ainda se lembrarem de mim, e ao amigo abraça o quem é

Seu am.º e obg.º

F. Mimoso.

JOSÉ D'AZEVEDO PACHECO

Foi nomeado administrador do concelho de Faro, lugar de que já tomou posse, o sr. José d'Azevedo Pacheco, muito considerado escriptão de fazenda do concelho de Tavira. Não podia tal nomeação cahir em cavalheiro mais competente e digno de que em s. ex.ª, tanto mais que ella representa um desaggravo ás muitas perseguições de que o referido funcionario foi victima, n'um dado momento politico. Não são estas palavras dictadas por qualquer facciosismo politico, porque o não temos, mas simplesmente pelo nosso consciencioso modo de ver e sinceridade com que sempre discutimos factos de tal ordem. As perseguições ha pouco feitas ao sr. José d'Azevedo Pacheco foram demasiadas e injustas, pois além de o envolverem como politico, metterem-se tambem pela sua vida de funcionario. E se n'esta o sr. Pacheco tinha faltas, tambem as tinham outros funcionarios equivalentes do districto,

sendo, no entanto, apenas castigados o sr. Pacheco.

Vamos até ao ponto de comprehendermos a injustiça no campo restricto da politica, mas nunca na vida de funcionario, onde, para o sustentaculo da fraternidade que deve unir as classes, deverá sempre presidir o estimulo da justiça e da imparcialidade.

CANCIONEIRO ALGARVIO

SAUDADE

De me ver tão sózinho e tão ausente, Não sei que hei de sentir que me não dóa: E vou passando os dias quasi á toa, Ora bem, ora mal—crente e descrente.

Creio ás vezes que a tua bocca sento Tudo o que diz: que é pura, franca e boa: Mas logo á julgo mal, que me atraçõa, Quo tudo o que ha em ti engana e mente.

Não sei que mal de espirito me invade; Não sei porque me vem, nem d'onde vem, Nem que fazer á minha enfermidade.

Vivo na dor; e a dor que me sustem Faz-me feliz por ser toda saudade E porque essa saudade me entretem.

MANOEL PENTEADO

E' digna de todo o louvor a sr.ª D. Beatriz de Jesus Cabrita, muito illustrada professora da escola do sexo feminino na freguezia da Sé (Faro) pela maneira attenciosa e entranhado interesse com que ministra a instrucção ás suas educandas, fazendo com que estas se distingam nas provas finais e aproveitem bastante do seu methodo d'ensino. Eis a lista das alumnas apresentadas aos ultimos exames de instrucção primaria pela referida professora e suas respectivas classificações: Maria da Conceição Perianes, 13 valores; Esperança da Natividade Martins, distincta; Maria Francisca Viegas, 14; Emilia Rosa Pereira, 14; Anna Simplicio Centeio, 14; Isabel Maria Cabrita Gomes, 13; Aldegundes das Mercês Pontes, distincta; Maria da Encarnação Reis, 14; Esperança de Jesus Bomba, 13; Arthur Candido, distincto.

O sr. José Thomaz Pires Correia d'Azevedo, foi reformado no posto de major com o soldo de réis 487000 mensaes, ficando alterada a qualificação da reforma publica da na ordem do exercito n.º 17.

Por decreto de 17 do corrente mez foi promovido a tenente de infantaria 4. sr. Joaquim Baptista Ferreira.

Monumento ao Poeta cavador

Manoel Alves

Subscriptores:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Thomaz da Fonseca (47500), Mayer Gargão (500), João de Barros (17000), Joaquim Gomes (500), Simões Ferreira (17000), Domingos de Castro (500), Lopes d'Oliveira (17000), Antonio Santos (17000), João Lucio (17000).

Somma... 117000

(Continua)

nhor da alma d'oiro da Princeza, quando Senhor eu seja da India desejada,—da India vista em sonhos!...

III

Abriu-se um dia, muito contente e a rir, um solsinho alegre sobre terras de Portugal — que chegara a grande nova vinda do Oriente, das terras d'onde vinha...

O Tejo, com risos d'oiro, alcançava o caravellão cançado do mensageiro e fizeram-se mais rubras e mais vivas as cinco Chagas da Bandeira, n'essa manhã doirada.

E lá nos Paços da Ribeira, grande festa hia, que tremor fazia os frios marmores, a musica victoriantes das trombetas, charamelas e

REGISTO ELEGANTE

Retirou de novo para Beja o brioso coronel de infantaria 4. sr. Sousa Braga.

De regresso do estrangeiro por onde andou em comissão do nosso governo, chegou ultimamente á capital o sr. Pereira de Lima, abastado proprietario da «Moita» (Azinhal).

Encontra-se em Albufeira o sr. Francisco Cândido de Sousa Barros, do Loulé.

Acompanhado de seu filho mais velho, regressou no sabbado á noite da Mina de S. Domingos, o sr. dr. Mathews Teixeira d'Azevedo, illustre chefe do partido regenerador no sotovento da provincia.

De passagem para Beja esteve ante-hontem n'esta cidade o sr. Manoel Roldan, distincto engenheiro de Villa Real de Santo Antonio.

Tivemos na quinta feira a agradavel visita do nosso prezado collega e amigo, sr. Ludovico de Menezes.

Encontra-se a banhos na armação do Medo das Cascas, a sr.ª D. Maria Adelaide Marinho, prendada filha do sr. Francisco dos Anjos Marinho, digno tenente coronel d'infanteria 4.

Retirou na terça feira para a capital, onde vao tomar posse do seu lugar de amanuense da Bibliotheca Nacional, para que foi ultimamente nomeado, o sr. Henrique Mathews Cansado, filho do sollicito procurador n'esta comarca, sr. Jordão José Cansado.

Chegou na quinta feira a Portimão o sr. Angelo de Sarrea Prado.

Encontra-se na praia da Rocha (Portimão) o sr. Manoel Martins Franco, de Monchique.

Chegou a esta cidade o sr. dr. Joaquim Tello, digno chefe da repartição d'industria.

Retiraram já para a capital, os srs. João e Vasco Broz de Campos, estudiosos alumnos militares.

Em companhia de sua familia, regressou já de S. Braz d'Alportel, o sr. João Estavão Aguiar, illustrado tenente-ajudante d'infanteria 4.

Partiu ante-hontem para Lisboa o sr. João Gímenes, considerado committente da nossa praça.

Fazem annos: hoje, a sr.ª D. Anna Xavier de Brito Triveira; amanhã, o sr. João Augusto de Mello e Sabbo.

Vindo de Villa Real de Troz os Montes, chegou na 5.ª feira a Tavira, o sr. Francisco Gabriel Augusto da Silva Mimoso, distincto major de infantaria 13.

Está de novo em Tavira, o nosso estimavel assignante, sr. Alfredo da Conceição Pires Padinha.

Retirou na terça-feira para Lisboa, o sr. Luiz Contreiras, laureado alumno da Escola do Exercito.

Encontra-se em Lagos, o sr. dr. Antonio Manoel de Pina Azevedo Castello Branco, juiz de direito da comarca de Fundão, agora em gozo de licença.

Foi collocado em infantaria 17 o tenente, sr. João Antonio Bernardo.

Foi collocado na 1.ª companhia do 1.º batalhão de infantaria 4, o capitão d'infanteria em disponibilidade, sr. João Alfredo d'Alencastre.

BREVEMENTE:

FERROADAS

Publicação de inquerito á vida patusca do Algarve.

CRIVO LITTERARIO

DESCENDO (*)

João Lucio, esse poeta inconfundivel, duma originalidade faiscante e rara, acaba de presentear-me com o seu extranho livro, de que eu conhecia apenas alguns trechos soltos, publicados aqui e acolá.

Confesso que de ha muito me alfinetava o desejo de ler este Descendo, cujos fragmentos, como retalhos de claridade inextincta, tinham ficado alumando recantos ignorados da minha constante reventiva. Mercê da gentilissima offerta de João Lucio, posso finalmente desceder o meu espirito sequeioso da alma das coizas, nas aguas-vivas d'este esplendido manancial...

João Lucio é o poeta mais vibratil, o temperamento artistico mais notavel que se me tem deparado nos ultimos tempos. Evitando systematicamente a banalidade fatigadissima de "amores" que nunca se sentiram, de "desesperos" que apenas se sonharam, de "loucuras" medidas a compasso, João Lucio desce á vida mysteriosa do silencio, da treva, do desconhecido, e dissecava e analisa-a, rasgando-lhe o negro seio com a ponta refrigente do seu maravilhoso bisturi.

Para muitos, João Lucio será um visionario;—para mim é um vidente. Lendo-o, cheguei a esquecer-me do metro e da rima—eu que sou uma torturada da forma—para me absorver toda no sonho grandioso do Poeta. E senti... senti palpitar a alma do granito; ouvi os soluços do perfume; vi a luz gerada no ventre da propria sombra!

Ha um que quer que seja de genial, de assombroso, n'este livro dos vinte annos. João Lucio não é poeta de quem se diga «há de subir», porque—descendo—atingiu elle os ultimos degraus da escada por onde se sobe á torre eburnea da Fama.

«Que exaggero»... dirá talvez quem me leia estes periodos dum sincero entusiasmo profundo, e não tenha lido os versos do extraordinario poeta algarvio. Não exaggero. Eu, que raras vezes escrevo critica, e quando a escrevo procuro assumpto onde possa dar largas á minha irritabilidade caustica, pelas exigencias duma organisação complexa e nevropathica,—eu que detesto hoje a poesia, e não posso ler meia duzia de paginas em verso sem que enfadada arroje o livro, ou ensomnada adormeça,—eu li o Descendo dum folego, e depois de o ler, senti-me leve e toda branca, como se o meu espirito sahisse lavado dum aureolico oceano de luz.

Basta percorrer o indice do Descendo para se ajuizar da originalidade das suas composições: Elle é a Ballada do Fumo, a Dor das Pedras, a Dança do Pó, os Lividos, e tantas outras, que vivem uma vida só d'ellas e se distanciam absolutamente dos velhos themas hydropicos e moribundos.

Todas essas poesias me deram sensações ineditas, todas me fizeram vibrar de commoções ignoradas. E no entanto, estes versos de uma psychologia tão singular, certamente passarão desnotados por quem não possua o sexto sentido do Ideal. São versos para eleitos,

elle que ergue o cabeça á altura da do seu Rei:

—E' tua, a India.

... Fóra, no ar doirado da grande manhã, entre a musica victoriantes das trombetas e charamelas sonoras e os acenos vivos das bandeiras, os soldados gritavam:

— Viva o Rei! Viva o Mar!...

O pagem beijando a mão da sua loira Princeza, gritou, em segredo; suffocado:

— Senhora minha!... Viva o Rei. Viva o Amor!...

IXX—VII.

JOÃO CORREIA D'OLIVEIRA

—«Cacuto e os outros me prometteram que a India será minha —diz o Rei.— Se a perdesse morreria de dor e raiva... Ah! se no profundo mar trahidor se afundassem as naus da Gloriosa Descoberta, ... como ellas, no mar negro da loucura, se afundaria para sempre a minha alma cruceante!...

—«Como vós, glorioso Senhor, eu sonhei a conquista ideal d'uma India d'oiro!... Ella, a Princeza, a minha India é:—India de luz, India de ventura, prometida em sonhos! No mar alto dos seus olhos, perdida trago a nau do meu coração, e rasgaram-me o roteiro do olhar; trago a alma perdida no nevocero, lá no Cabo das Tormentas!... Se ella se esmigalha d'encontro ao Cabo Não, se ella se

afunda sem tocar em terras abençoadas d'essa India desejada... Ah! senhor! eu morreria como Vós,—envenenado pelo proprio sonho, louco de raiva e de dor!...

Chora o pagem: O Rei abre o livro do coração e fica em scisma:

—«E' para elle a India desejada!... Prometteu-lh'a o Sonho... e o Sonho é o Cacuto das almas!...

— Visão e sonho equal: grande para um Rei, a minha; grande para um pagem, a d'elle—egualmente grande seria para ambos a dor de perdê-la...

E ergue-se o Rei: perturba-se-lhe de luz o rosto, de chama o olhar: e diz:

—«Pagem, subido até mim pelo guindaste d'uma aspiração irmã, d'uma ancia equal, eu te farei se-

e nunca para os profanos da Sentimentalidade e do Sublime.

Que é a Dor das Pedras senão a epopeia genial do sofrimento?

Oh pedras, a soffrer, em ancias nas calçadas, Ninguém vos sabe amar, ninguém de vós tom dó, Ninguém sabe entender, oh pedras desgraçadas, Que ha lagrimas tambem dentro do vosso pé!

A phantasia do Poeta, num largo desdobrar de immensas azas, identifica-se com as lagrimas da pedra, e deixa falar aocoração d'ellas o seu proprio coração:

Oh pedras, esperae, que talvez um vulcão Vos lance para o Ceu, n'um abalo violento, E lá pode fallar o vosso coração E alguém comprehender o vosso soffrimento!

Falando da nevoa, João Lucio é duma analyse subtilissima e encantadora:

Filha da Exhalação, sombra do Imprevisto, Mortalha p'ra enrolar o corpo á Claridade, Da cor do coração da Virgem, mãe do Christo, —Magdalena a chorar toda a Eternidade.

Eu sei d'onde tu vens, eu sei quem te gerou: Teus mysterios, porém, os olhos apavoram, Filha de algum amor que a morte não matou, E dos prantos, talvez, que certos mortos choram...

Que direi da Louca, essa doce poesia infinitamente misericordiosa?

Oh rochedo, rochedo, é certo que o amor Até pode nascer no peito do granito, Como é certo que a Dor é para tudo a Dor... Para tudo nasceu esse amargo infinito.

Oh angustia sem fim, de desejar abraços, E do beijos querer, oh desventurada louca, Gigantesca agonia de não nascer com braços; Tortura colossal de não nascer com bocca!

A mim me tem impressionado muita vez, e decerto acontecerá o mesmo a toda a gente, certas nuvens que tomam apparencias humanas, sombras cujos recortes affectam extranhas silhoetas, pedras que nos olham e se riem com esgares desvairados. Ha no caminho de Ferreira do Alentejo para Odivelhas um rochedo sinistro, que espreita á beira da estrada. Pois bem; nunca passei junto d'esse rochedo que a alma se me não enchesse de pavor. E' uma cabeça enorme, com duas orbitas vasias, um nariz achatado, a bocca hiante, a face angulosa. Lembrei-me d'ella, d'essa pedra medonha, lendo João Lucio na Louca:

Todos nós vimos já grandes rochas vincadas, Como o rosto d'um louco, em convulsões extranhas; Se nas montanhas há expressões desvairadas, E' que a loucura toca, ás vezes, as montanhas!

Na alma do Poeta palpita um mundo de Caridade e Amor. Tudo elle comprehende, tudo sente, tudo o interessa, desde o átomo até á montanha, á neve, ao silencio de quem diz enternecidamente:

E's um leito suave em que adormecem dores, Velho phantasma mudo, pao da Indecisão, Linguagem ideal dos tímidos amores, Oh palavra sagrada e sã do coração!

Sem saber o que és, eu tenho-te amizade, Como a tenho tambem ao vento, á luz, ao mar...

—O Cemiterio das Noivas... Que piedade immensa não foi necessaria para dar vida a esta composição lindissima? Eu quereria transcrevê-la toda, se as suas dimensões coubessem nas d'este já estirado artigo. Abstenho-me com pena de fazê-lo; mas ella é tão tentadora que não resisto á attracção de lhe recortar algumas estrophes.

Oh almas dos jasmims e dos amores-perfeitos, Que a lua anda a beijar e em que não toca o vento, Almas todas pureza em que não ha defeitos, Para que Deus creou um outro soffrimento:

Oh segredos d'amor, receios do coração, Mysterios que n'uma alma outra alma deita, Áves, que Deus mandou medir toda a Extensão, E que a propria Extensão achastais 'inda estreita!

Fosteis vós quo sentindo esta terra a pisar-vos, Saísteis para a luz e vos tornasteis flores: Dizeis qual a mão que foi desagrilhoar-vos, E que assim profanou todos esses amores!

Quem não há de sentir e comprehender todas as maguas, quem, como João Lucio, diz de si proprio:

A tristeza é, p'ra mim, sabio presentimento Da humanidade que ha no pé que nos gerou, A dor que tem o pé de ser roubado ao vento E preso, sem saber quem o encarcerou.

Esta tristeza de que fala o Poeta e que espalha sobre todos os seus versos uma nuvem de lagrimas suavissimas, é a mesma que se lhe reflecte no perfil austero e afoga os seus grandes olhos de sonhador.

João Lucio, ao escrever o Descendo, teve decerto a preocupação unica de tornar tangivel o seu Ideal. E consegui-o. Versos como os d'elle vêem já consagrados do seio da eterna Luz, e para ella ascendem no vôo temerario e altivo.

Grande talento de moço! grande alma de poeta!

Acceite João Lucio n'esta pequena mas sincera homenagem ao seu formosissimo talento e á sua fina organização artistica, o meu reconhecimento pela gentil offerta com que aprouve á sua amabilidade distinguir-me.

Se a minha opinião, como escriptora, pesasse alguma coisa na balança da Critica, certo que o fiel se inclinaria para o Descendo, sem hesitações nem temores de opiniões contrarias.

No entanto, o livro de João Lucio affigura-se-me tão bello, tão original e tão impecavel, que me parece que a Critica de Iorgnon não se atreverá a denegrir-lhe as paginas rutilantes.

Perca-se, pois, entre as flores que lhe tapetarem a estrada auri luminosa, na irradiação apothetica de um esplendido sol nascente, este ramilhete de flores bravas, sem belleza nem perfume. Nada ajuntarão ao prestigio de João Lucio, nem elle precisa, para a consagração do seu livro, de apreciações insignificantes, qual a da minha modestissima penna obscura.

Mas calar-me, quando um nobre entusiasmo faz vibrar as cordas do meu espirito—bandolim desferido na alma da treva,—seria já agora uma contradicção flagrante, perpetrada com ultraje do meu expansivo temperamento de algarvia.

Ahi ficam esses desalinhavados periodos sem arte. Que os amigos e admiradores de João Lucio, me perdõem o desacato...

Serpa MARIA VELLEDA.

(* Um volume de 147 paginas, impresso na Typographia Franca Amado—Coimbra.—O seu preço é de 600 réis.

BAGA DE SABUGUEIRO ver o annuncio n.º 3721.

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO Chronica telegraphica

Villa Real 14 manhã.—Alvorada pela philarmonica velha. Muita gente e muitos foguetes. Pena foi que não houvesse o repique general de campanas de que tanto se orgulham os nossos visinhos hespanhoes... Seria por anti-iberismo?

4 tarde.—Começam preparativos para regatas, o povo afflue margem rio agglomerando-se pontos donde julga poder melhor presenciar bonito espectáculo, para muitos completa novidade. Muitos barquinhos cheios gentes cortam salsas ondas Guadiana em todas direcções. Janelas apinhadas formosas damas. Quadro, visto de largo, imponentissimo.

5 tarde.—Chegam musicas. Aproxima-se hora. Anciedade geral. Todos olhares se dirigem barcos vela corredores. Deu signal trombeta Castelhana—perdão—deu signal cidadão postado barco balisa de partida, agitando bandeira encarnada. Chalupas tomam posição... Partem... «Cervante» chega primeiro, primeira balisa; mas timoneiro é padão—merece palmatoadas por pessima manobra. «Hersilia» manobra bem mas cahe muito a sotavento e encalha. Posta novamente em marcha, quasi alcança «Cervante» na segunda balisa e deixa a a pescar caranguejos ao dar em pôpa.—Premio, bonito quadro allegorico.

1.ª corrida remos—escaleres amadores, melhor sapateiros. Remaram como uns chocos. Ganhou escaler branco medalha prata. João Silva se lhe mettem pennas... vôa. Escalcer preto recebeu premio conso-

lação... medalhas cobre e descomposturas de todos os campeões... de vista e lingua...

2.ª corrida remos—profissionais—dois barcos. Premio pecuniario. Venceu pequena canôa quatro remos.

Conjunto agradou em extremo. Debandada geral.

8 horas noite.—Pyrilampos correm praça diversos sentidos accendendo balões... Mas vontade humana põe e deuses immortaes dispõem.

Eolo difere requerimento, Martyres e Angustias despeitadas, para que illuminação fracasse; e manda Boreas arranque profundezas cavernas pulmonares todo vento disponivel e enchendo tremendas bochechas assopre sobre nós formidavel nortada.

Ordem cumprida rigorosamente. Balões apagam-se e ficamos to-

talmente ás escuras a não nos valer brilho olhos formosas damas que, em numerosos grupos se entre cruzam, palrando animadamente e fazendo, com a sua communicativa alegria esquecer em parte fracasso illuminação.

1/2 noite.—Queima-se fogo que sahe muito ruim.

Não podemos levar á paciencia este habito tão enraizado na nossa provincia de se queimar o fogo nos arraiaes, quando toda a gente está já aborrecida. Será um costume muito nacional mas muito estúpido.

Villa Real 15 manhã.—Alvorada philarmonica nova. Muita gente e muitos foguetes. Continua a faltar o repique...

1/2 dia.—Missa muito concorrida. 5 tarde.—Procissão de maior acompanhamento que temos visto aqui. Tocaram duas philarmonicas

—marchas muito bonitas e bem executadas.

Sol-posto.—Recolhe procissão. Vemos já pyrilampos para começar illuminação a fim de poder apreciar-se em conjuncto antes que vento faça partida noite hontem.

10 noite.—Pouco vento. Illuminação completa, magnifica. O pelourinho que em tempos se apresentou a Sem medo com luzes de espirito, ostenta agora profusão de luzes... de gaz, além de numerosas linhas de balões que começando no seu cimo iam terminar nas arvores que contornam a praça. Vento a valer.

1/2 noite.—Vento fresco, balões apagados. Queima-se fogo que sahe tão ruim como o da vespera e com o mesmo acompanhamento de bocejos.

Debandada geral a final

Atum de direito e revez (vendas)

Valor do peixe vendido na lota de Villa Real de Santo Antonio, em 1901, das armações abaixo designadas

Nomes das armações	Atuns	Atuarros	Albacoras	Cachorretas	Corvinas	Serrajões	Importancias
Abobora	2.373	4.168	216		713	530	24.314\$586
Medo das Cascas	4.061	4.270	370		218		36.955\$787
Barril	3.949	4.710	940			217	37.614\$021
Livramento	5.089	4.439	404			427	39.941\$620
Bias	2.315	605	240		77		20.286\$604
Cabo de Santa Maria.	459	64	46				5.380\$577
Ramalhete	2.445	438	41				30.560\$674
Medo Branco	2.129	350	6				25.946\$180
Forte Novo	2.159	328	106				24.564\$360
Olhos d'Agua	2.073	338	2				19.992\$914
Galé	1.112	453	57	706		421	9.932\$174
Senhora da Rocha.	3.017	468	93			21	31.020\$514
Carvoeiro	3.693	873	147				35.745\$277
Torre da Barra	4.453	432	128				17.393\$047
Torre Alinha	205	40					2.136\$414
Torre Alta	4.718	452	40				15.777\$396
Zavial	461	571	465	7.306		243	9.173\$426
Somma	38.744	40.669	3.271	8.012	4.008	1.859	386.735\$571

Atum de direito e revez (compras)

Valor do peixe comprado na lota de Villa Real de Santo Antonio, pelas fabricas de conserva, armazens de salga e enviado para Hespanha, em 1901

Nomes dos fabricantes	Atum	Atuarros	Albacoras	Importancias
Angelo Paradi fu Bartholomeu	12.314	2.382	468	119.508\$020
Francisco Rodrigues Tenorio	3.807	2.077	4.469	42.063\$546
Ramires & Companhia	4.401	540	89	44.964\$803
Pilotos Gomes & Capa.	2.012	644	303	19.146\$154
Luige Pistone	1.348	294	48	16.495\$480
Centenos Cruz & Companhia.	1.224	520	51	12.565\$400
João Baptista Trabuco	671	226	104	5.945\$628
Pedro José Candido & Companhia.	62	208	126	1.755\$318
João Bello	147	25	49	1.245\$246
Hespanha	13.626	4.218	4.757	133.905\$515
Villa Real de Santo Antonio	279	400	263	3.756\$501
Somma	39.891	41.534	4.697	398.351\$614

LECCIONAÇÃO

O sr. major Francisco Gabriel Augusto da Silva Mimoso reabre o seu curso de leccionação para o futuro anno lectivo. Lecciona a 1.ª classe, 1.º anno do curso geral dos lyceus, e Portuguez, Francez e Geographia para exame singular; devendo effectuar-se as respectivas matriculas logo que este sr. regresse a Tavira.

ANNUNCIOS

1.º ANNUNCIO

NO juizo de direito da comarca de Tavira, no cartorio do 4.º officio e pelo inventario orphanologico a que se procede por obito de Gertrudes Maria ou Gertrudes dos Prazeres, que residiu na rua das Olarias d'esta cidade e falleceu na cidade de Huelva, em Hespanha, onde se athava accidentalmente, correm editos de trinta dias a contar da publicação do ultimo annuncio, publicação que se ha de fazer no Diario do Governo, e no periodico d'esta cidade, citando o viuvo da inventariada José da Luz Pereira, ausente em parte incerta no Brasil, para assistir a todos os termos até fi-

nal, d'aquelle inventario. Declara-se que depois dos editos ha de correr o termo de trinta dias, só depois do qual poderá o inventario proseguir além da descripção.

Tavira, 21 de setembro de 1901. Verifiquei.—D. Leote. O escrivão, (5734) José Joaquim Parreira Faria.

EDITAL

José d'Azevedo Pacheco, escrivão de fazenda do concelho de Tavira, por Sua Magestade El-Rei a Quem Deus Guarde etc., etc.

FAZ saber, em virtude do ordenado pela Junta do Credito Publico em officio-circular n.º 1054 de 13 do corrente, que deixou de ser auctorizado o pagamento do juro dos titulos ao portador possuidos por qualquer corporação, devendo as que os possuirem, converterl-os, sem perda de tempo, em titulos d'assentamento.

E para que se não possa allegar ignorancia fiz passar o presente e outros que vão ter a maior publicidade.

Repartição de fazenda do concelho de Tavira, 16 de setembro de 1901. O escrivão de fazenda, (5731) José d'Azevedo Pacheco.

ARRENDAMENTO

ARRENDA-SE uma propriedade A no sitio do Arroyo, freguezia da

Luz, denominada a Charneca. Trata-se com seu dono Manoel dos Santos Dôres que vive na propriedade. (5732)



CASAS

VENDEM SE umas casas na rua de S. Lazaro com 6 divisões, 2 sobrados grandes, uma boa varanda, poço e quintal com porta para a de S. Pedro. Tambem se vende 2 casas pequenas que servem de habitação na travessa do Passo. Quem pretender dirija-se a Manoel das Dôres, rua da Asseca, Tavira. (5733)

CAVALLO PARA MOENDA

FRANCISCO ESTUDANTE aluga um cavallo para a moenda de azeite, Tavira.

LECCIONAÇÃO

ANTONIO MENDES MADEIRA, professor particular inscripto no lyceu de Faro, explica mathematica e outras disciplinas do curso dos lyceus. Tambem recebe alumnos. Faro, rua de Serpa Pinto, 25—1.º (5733)

